

OS MANUAIS DE CATECISMO COMO FONTES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Evelyn de Almeida Orlando*

Resumo: Este artigo analisa os manuais de catecismo ao longo da história, enfocando as formas e os sentidos adquiridos a partir de alguns estudos em diferentes campos científicos e na coleção de catecismos do Monsenhor Álvaro Negromonte, publicada entre 1920 e 1930. O objetivo deste trabalho é estabelecer uma reflexão acerca desse tipo de impresso como uma importante fonte para a História da Educação Brasileira, indicando práticas educativas que se instituíram em torno da educação brasileira e da pedagogia católica, que buscaram aliar elementos da tradição católica e da modernidade pedagógica que aparecem, ainda, de forma muito incipiente, na historiografia educacional.

Palavras-chave: Catecismos. Impressos. Modernidade. História Da Educação.

Catechism manuals as sources for History of Education

Abstract: *This article reviews the catechism manuals throughout history, focusing on the forms and directions acquired from studies in different fields of science and from Monsignor Álvaro Negromonte's catechisms collection, published between 1920 and 1930. The objective of this work is to establish a discussion about this type of printing as an important source for the Brazilian Education History, indicating that established educational practices around Brazilian education and Catholic pedagogy, which sought to combine elements of Catholic tradition and pedagogical modernity that appear, yet so very early, in educational historiography.*

Keywords: *Catechisms. Printings. Modernity. History Of Education.*

* Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Professora do Programa de Pós-Graduação da PUCPR. Programa de Pós-Graduação em Educação; Rua Imaculada Conceição, 1155 - Bloco CTCH - Prado Velho - Curitiba/PR; 80215-901; evelynorlando@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Na escrita da História da Educação Brasileira,¹ os impressos vêm contribuindo em uma via de mão dupla. Por um lado, os olhares dos historiadores têm se voltado para percebê-los como objetos de estudos específicos, plausíveis de análise pela história que os constitui e que é constituída por eles; e, por outro, como uma importante fonte de pesquisa histórica que, em sua materialidade, textualidade e presença no mercado e na vida social carrega em si uma história que, se não fica evidenciada, certamente tem muito a indicar, apontar e sugerir.

Neste artigo, as “lentes da História” se voltam para uma classe específica de impressos: catecismos católicos, impressos de destinação pedagógica à propagação e conservação da fé e da doutrina da Igreja, que proliferaram a partir do movimento reformista e exerceram influência significativa nas práticas educativas da sociedade brasileira. Por meio das pistas deixadas em pesquisas realizadas em diferentes campos científicos e na coleção de catecismos do Monsenhor Álvaro Negromonte, este trabalho pretende destacar as diferentes produções materiais e discursivas² desse instrumento pedagógico, atentando para a representação que obteve nas práticas educativas da sociedade brasileira.

No Brasil, os manuais de catecismo raramente constituem objeto de estudo específico da História da Educação, do livro ou dos impressos, aparecendo, geralmente, como referência de apoio a estudos sobre aspectos do ensino religioso e das práticas escolares, como na tese de doutoramento em Educação *A Pedagogia catequética e a educação na primeira República (1889-1930)*, de Mauro Passos, e nos artigos *Da Leitura do Catecismo à Catequização da leitura – O catecismo como texto de leitura na escola primária no Brasil do século XIX*, de Elomar Tambara, *O catecismo como método de ensino de línguas*, de Luiz Eduardo Meneses de Oliveira e Lêda Pires Corrêa e *A pedagogia dos catecismos protestantes no Brasil católico* e *Os catecismos protestantes no Brasil*, de Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento.

A construção desta história segue, portanto, os “fios e os rastros”³ deixados em outras áreas, como a Teologia e a Linguística, bem como em outros campos de atuação da História, como a História do Livro e da Leitura, a História da Igreja, a História do Ensino e a própria História da Educação, e configura os manuais de catecismos como objetos de formas e sentidos próprios, portadores de uma história.

2 ENTRE AS FORMAS E OS SENTIDOS

O catecismo é analisado neste trabalho como um livro de doutrina, uma publicação que tinha por finalidade a instrução, a inculcação de hábitos e valores religiosos e morais, a modelação de comportamentos e a formação do cristão. Metodologicamente, os trabalhos sobre impressos vêm considerando não somente os conteúdos veiculados em seu interior, mas, conjuntamente, as suas formas materiais como portadoras de sentidos. Os dispositivos materiais podem indicar tanto a imposição de um sentido ao texto quanto os usos que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis. Pensar nesses aspectos de forma articulada aumenta as possibilidades de se decifrar a ordem que os livros procuram estabelecer (CHARTIER, 1996).

A História do Livro aponta a tipografia como prática que começou a ser exercida desde o século XV por impressores cristãos. Segundo Assis (2004), tal fato impulsionou o uso do catecismo como instrumento pedagógico a partir do século XVI. Desde a invenção da imprensa, a Igreja Católica, experiente em copiar e manipular livros, manteve uma política determinada em relação aos impressos, os quais eram utilizados para defender os interesses da Igreja, partindo do pressuposto de que todo o esforço em editar e fazer circular tais textos fazia parte de um objetivo maior de construir uma civilização cristã,⁴ a partir de um projeto de (re) catolicização da sociedade.

A modernidade impulsionou a era dos impressos religiosos. Com maior circulação, eles se difundiram com o intuito de disseminar a fé, tanto católica quanto protestante, tornando-se, com isso, aliados fundamentais na conformação de ambos os campos. Nessa perspectiva, não obstante os vários impressos de cunho educacional que circularam no século XVI, como a Bíblia, os breviários, os livros de hora, os opúsculos e folhetos de jornal, os catecismos foram os impressos de maior relevo pela sua ampla circulação nos diferentes domínios sociais e culturais.

Como importante ferramenta da catequese, o catecismo, originário do grego *katechismós*, significa ensinar a palavra, instruir. Com um sentido mais amplo, a catequese é um conceito que diz respeito à ação eclesial, que conduz tanto os indivíduos quanto as comunidades à maturidade da fé, enquanto o catecismo é um compêndio da doutrina da Igreja, que exprime de modo essencial as verdades fundamentais da fé, necessárias à salvação. O texto de catecismo tem a função de sistematizar a ação catequética por meio do ensino, adequando a metodologia uti-

lizada à idade e às circunstâncias em que será aplicado. Considerando uma transmissão via prática de leitura intensiva ou extensiva,⁵ os manuais de catecismo se constituem textos de referências, seguros e autênticos ao ensino da fé e da doutrina católica, iluminados pela Tradição Apostólica, pelo Magistério da Igreja e pelas Sagradas Escrituras. Isso para Bourdieu (2005, p. 98) significa “[...] um ponto de apoio que serve de roteiro, impedindo excentricidades e extravagâncias que asseguram a economia da improvisação, mantendo-a dentro de limites.” Organizado em formato de perguntas e respostas, uma novidade no século XVI, visava transmitir a mensagem, ensinando mediante o diálogo os valores e as normas da Igreja. A doutrina deveria ser aprendida de cor e em pormenores, contribuindo para a formação de um conjunto de valores e *habitus* próprios de um cristão.

Muito embora a existência de catecismos para ensinar a doutrina cristã seja anterior à modernidade, foi nesse período que essa classe de impressos ganha maior impulso.⁶ De acordo com Bollin e Gasparini (1998), o termo catecismo, utilizado para indicar o livrinho da doutrina cristã, já era usado tanto em latim quanto em língua vulgar, no século XIV e servia à exposição da doutrina do Cristianismo às pessoas ignorantes ou às crianças. Mas foi a partir da Reforma Protestante e dos usos que Lutero fez o impresso para a propagação da fé, que a Igreja se mobilizou e passou a usar a mesma estratégia para a instrução e a conformação da fé católica. Os catecismos adotaram na modernidade novos contornos. A catequese que adotava um cunho apostólico passou a ser utilizada pela Igreja sob uma nova ótica, a do ensino. Segundo Bollin e Gasparini (1998, p. 105), a catequese é vista como o “[...] ensino da doutrina cristã, concentrada no catecismo, o livro (impresso!) que compila, de um modo simples, essencial e completo, tudo o que o fiel deve conhecer.”

Após a Reforma, os catecismos proliferaram, tornando-se o centro da ação pastoral-catequética. A inadequação da ação pastoral à época fez emergir a tônica do movimento reformista: a necessidade de instrução religiosa. Com isso, surgiu uma onda de catecismos protestantes e católicos como o caminho para a maturação da fé e, conseqüentemente, para a salvação das almas. Mesmo entre os protestantes, “[...] muitas vezes ele foi mais popular do que a própria Bíblia.” (NASCIMENTO, 2006, p. 4).

A variedade de textos produziu dissonâncias nos discursos de ambos os lados, que buscavam associar religião e civilização em seus ensinamentos. Pautados, inicialmente, em uma prática de leitura denominada por Chartier (1996) como “intensiva”, os textos de catecismo serviram tanto para inculcar os novos

valores e preceitos propostos pelo protestantismo quanto para instruir e conformar as verdades da Igreja Católica.

Essa conformação começava pelo próprio interior do campo religioso. A ignorância religiosa alcançava até o clero, o que resultou em um movimento de reforma interna e a publicação do *Catechismus ad parochos*, mais conhecido como Catecismo Romano ou Tridentino, voltado aos párocos, como instrumento auxiliar da formação teológica no que diz respeito ao que deveria ser ensinado ao povo.

Nesse embalo de disseminação da fé e de instrução religiosa por meio dos impressos, sobretudo dos textos de catecismo, os católicos passaram a compilar vários textos de catecismos que foram concebidos como manuais de doutrina cristã, destinados às crianças e aos fiéis que, de maneira geral, quisessem aprender sobre a doutrina da Igreja. Os principais catecismos católicos publicados na esteira do empreendimento protestante foram redigidos por três religiosos da Companhia de Jesus, que se empenharam na luta contra a disseminação do protestantismo: Pedro Canísio, Edmondo Auger e Roberto Bellarmino. As obras de Canísio são caracterizadas, sobretudo, pela *Summa*, modelo de síntese teológico-pastoral dividida, respectivamente, em duas partes: a sabedoria e os sacramentos. Tais catecismos foram os textos mais difundidos nos colégios da Companhia de Jesus e dominaram os países de Língua Alemã até a metade do século XIX. As obras de Auger influenciaram significativamente os catecismos franceses e trouxeram a marca da preocupação com a difusão do protestantismo, evidente na organização que proporciona ao seu texto, procurando responder ponto a ponto ao catecismo de Calvino.

Apesar do grande êxito em pouco tempo, os catecismos de Auger foram suplantados pelos de Canísio, mais preocupado com a formação individual do que com a contestação ao outro. Ambos os autores escreveram suas obras no decorrer do Concílio de Trento. As obras de Bellarmino,⁷ escritas depois do Concílio, alcançaram a aprovação do Papa e se tornaram obrigatórias em Roma. Foram apresentadas durante o Concílio Vaticano I como o modelo mais autorizado para a compilação do catecismo universal. Foi o texto oficioso da Igreja e o mais utilizado nas aulas de catecismos paroquiais até o compêndio de Pio X, em 1905 (BOLLIN; GASPARINI, 1998).

O catecismo, como objeto material que veicula a relação pedagógica professor-aluno, alterou as práticas catequéticas ao longo dos tempos. A relação, antes fundamentada na pessoa do catequista, fundamental para transmitir a mensagem, foi transferida ao texto e à palavra impressa. Na catequese moderna, o papel do ca-

tequista era o de explicar o livro. Naquele momento, nas aulas de catecismo “[...] o protagonista fundamental é o livro.” (BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 118).

Por mais que a Igreja Católica contestasse o processo de individualização próprio da modernidade, este se fez sentir nas próprias aulas de catecismo e, mediante a imprensa, mudou completamente a dinâmica do processo de aquisição de conhecimento, e não apenas nas Igrejas Protestantes. O conceito que se tinha de uma catequese apostólica na Idade Antiga e Média, baseada na oralidade, o que presumia uma interação maior entre as pessoas e uma prática de leitura socializada, foi substituído por um novo código comportamental que levava o indivíduo a uma prática de leitura individualizada, instaurado pela cultura impressa, da qual a Igreja Católica também foi partícipe. Como sinalizam Bollin e Gasparini (1998, p. 117):

De agora em diante a doutrina já não é apenas explicada e depois resumida em algumas fórmulas de fácil retenção. Ela deve ser apreendida em pormenor e recitada de cor. O livro já não é apenas o manual do pároco ou da pessoa instruída, que serve de guia para a instrução das pessoas. Ele é colocado diretamente na mão das crianças e dos adultos. O seu formato é tanto mais reduzido quanto mais o livro é difundido. Tudo isso é novo em relação ao passado.

Na Europa do século XVII, a multiplicação de manuais de catecismo e de instrução catequética teve o objetivo não somente de transmitir, mas também de assentar o espírito cristão. A disseminação das escolas religiosas tratou de formar e exibir a religiosidade dos seus membros. A ação dos colégios corroborou a transformação do século XVII em um século de disputas e polarizações que ditou como norma a demonstração da fé pelo comportamento e pela conduta moral.

A religiosidade também devia ser demonstrada pelo viver cristão em sociedade, e a expressão *honnête homme* servia para designar o tipo humano que demonstrava, cotidianamente, as suas crenças, pois fora formado para isso nas qualidades cristãs (espirituais) e sociais (cortesãs) pelos colégios. (HILSDORF, 2006, p. 76).

Paradoxalmente, o que deveria ser um ponto positivo, transformou-se em um conformismo religioso, fruto do costume, pouco resistente aos atrativos do século XVIII.

A sociedade de corte, que se configurou nas instâncias social, política e econômica, determinava os novos modelos e códigos comportamentais do mundo civilizado. No século XVIII, a mobilidade social dos clérigos permitiu que se tornassem os principais divulgadores dos costumes da corte, que em muitos

aspectos eram consoantes com os interesses da Igreja. O controle das emoções e a formação disciplinada do comportamento, por exemplo, apresentavam afinidades com tendências particulares no comportamento eclesiástico tradicional. “A civilidade ganha novo alicerce religioso e cristão.” (ELIAS, 1990, p. 111). Isso tornou a Igreja Católica um dos mais importantes órgãos de difusão dos comportamentos e estilos a partir dos estratos mais baixos da sociedade. Segundo o Padre La Salle, nas suas *Normas de Civilidade*,

[...] a maioria dos cristãos considera o decoro e a civilidade como uma qualidade puramente humana e mundana e, não pensando em elevar mais ainda sua mente, não a considere uma atitude relacionada a Deus, ao próximo e a nós mesmos. Isto mostra bem quão pouco Cristianismo há no mundo. (LA SALLE, ano? apud ELIAS, 1990, p. 111) .

O movimento cultural do Iluminismo e o culto à instrução e ao esclarecimento para formar o cidadão resultaram em uma proposta de secularização entre Estado e Igreja, sobretudo na França, que impôs ao ensino religioso uma nova missão: criar um elo entre Igreja e mundo civilizado, estabelecer uma relação entre razão e fé, entre tradição e progresso. No bojo dessas iniciativas, a partir do século XVIII “[...] delinea-se uma nova pastoral que coloca a paróquia como centro do apostolado, procura afirmar a escola católica e utiliza a imprensa como apoio e sustento para a pregação.” (ASSIS, 2004, p. 54).

Diante da proliferação de impressos de cunho educativo, como os vários tipos de textos literários que surgiram no século XVIII, a Igreja adotou a estratégia de transformar a catequese em disciplina escolar e assegurar a sua função formativa. A catequese e os catecismos nestes séculos passaram a ocupar os espaços escolares pertencentes à Igreja como disciplina e objeto da cultura material escolar, respectivamente. Os textos de catecismo, adaptados ao âmbito escolar, serviam, muitas vezes, como manuais de primeira leitura. Nesse caso, se é “[...] impossível reconstruir uma história da cultura escrita sem encarar as modalidades da sua escolarização”, (HÈBRARD, 2007, p. 37), vale a pena pensar nessa associação entre prática religiosa e processos de alfabetização, como propõem Oliveira e Corrêa (2007, p. 2):

[...] a estreita relação entre o processo de escolarização e a cultura escrita possibilita compreender ao menos uma das razões que leva à necessidade de ancorar a formação cristã na alfabetização, que por seu turno, encadeia a aprendizagem da leitura e da escrita. Desse modo, o catecismo ins-

taura-se como instrumento capaz de interligar os domínios da fé pela alfabetização.

Com base nessa prerrogativa, os autores defendem o catecismo como método de ensino-aprendizagem pelo qual se entrecruzam formação religiosa e ensino da Língua, e destacam, nesse sentido, o compêndio *Breve instrução para ensinar a Doutrina Christã, ler e escrever aos Meninos e ao mesmo tempo os princípios da Língua Portuguesa e sua orthografia*, do século XVIII, utilizado como cartilha para o ensino da Língua no Estado do Pernambuco, por volta de 1759. Pensar no catecismo como método requer a atenção sobre a variação das formas, discursos e métodos que esses textos sofreram ao longo dos tempos, buscando atrelar a tradição à modernidade como estratégia de luta pelo campo religioso.

O que se pode perceber é que desde os Colégios Jesuítas até as Escolas de Doutrina Cristã, o catecismo foi uma figura central nas práticas educativas católicas. A partir do século XVIII, o seu uso nas escolas públicas foi discutido e adotado como uma herança do iluminismo católico.⁸ A ideia da escola como lócus ideal para a formação do homem civilizado, fruto da mentalidade iluminista, encontrou eco também no catolicismo. Segundo Nascimento (2001, p. 16),

[...] o discurso civilizador valorizava a escola como sendo a agência destinada por excelência ao cultivo das grandes virtudes, ao fortalecimento dos espíritos, à formação do homem do futuro, o homem consciente. O homem civilizado, escolarizado, seria capaz de organizar a família em bases sólidas, simpáticas e justas, de acordo com as aspirações do progresso, em consonância com as normas científicas.

Portanto, “[...] a catequese escolar ou a escolarização da catequese é, de fato, uma consequência da mentalidade iluminista.” (BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 155). Se, por um lado, o iluminismo francês incitou um projeto de des-cristianização da nação francesa, por outro, o iluminismo alemão adquiriu contornos próprios, marca da configuração⁹ social que o empreendeu e fez com que se abrissem espaços nas escolas públicas alemãs e austríacas para a catequese escolar, introduzindo o texto de catecismo nos espaços laicos. Catecismo e História Sacra se tornaram disciplinas escolares e o livro de catecismo passou a ser pensado para a escola, prática que se estendeu pelo século XIX. A articulação do catecismo à escola pública abriu espaço para que os padres e intelectuais católicos o associassem a qualquer outro objeto da cultura escolar, inserindo-o, portanto, no bojo das preocupações educacionais que afloraram com a Pedagogia Moderna.¹⁰

A produção de catecismos no século XIX, debatida durante o Concílio Vaticano I (1869-1870), trouxe as marcas dos novos tempos. Novos tempos que pediam novos objetos, novas práticas, novas representações próprias do tempo e do lugar no qual estavam circunscritas. A multiplicidade de catecismos que eclodiu no século XIX tornou uma exigência do Papa à elaboração de um catecismo único, temática já discutida desde o Concílio de Trento e novamente abordada no Concílio Vaticano I, mas que não chegou a ser definida.

Em vários países, como França, Itália e Alemanha, foram adotados textos de catecismo considerados únicos nestes países. A ideia de um texto único de catecismo, considerando que o ensino da religião esteve associado ao discurso civilizador, permite inferir que se pretendia, por meio da religião e do impresso, moldar a cultura de uma nação como padrão civilizatório.

Em nome dessa civilização, no início do século XX, o Papa Pio X publicou a Encíclica *Acerbo Nimis* (1905), na qual buscava combater aquilo que a autoridade romana chamava de ignorância religiosa dos católicos, estimulando mais a expansão da catequese de forma eficaz. A insistência do Papa Pio X em nutrir o povo de alimento espiritual irradiou uma obra que conclamou catequistas voluntários para os catecismos paroquiais e professores católicos catequistas em suas salas de aula, pelo acesso que estes tinham a um número maior de crianças de forma mais contínua. Essas duas frentes de ação da catequese contribuíram para fazer proliferar, mais uma vez, a produção de manuais de catecismo, já desencadeada desde o século XIX (LUSTOSA, 1977).

O livro passou a ser não apenas um aparato religioso, mas um objeto da cultura escolar. A memória escrita, difundida por intermédio do impresso, visava perpetuar os valores, os comportamentos, os discursos que iam formando e produzindo as sociedades. Nesse sentido, “[...] o livro carrega consigo a missão de educar, civilizar, universalizar e instruir” (TOLEDO, 2001, p. 2), e sua utilização como instrumento pedagógico, no espaço da Igreja ou da sala de aula, sinaliza para um projeto de (re)catolicização da sociedade por meio da educação dos seus indivíduos.

3 OS CATECISMOS CATÓLICOS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

No Brasil, os textos de catecismo também se constituíram como um importante recurso utilizado pela Igreja ao aliar a fé aos saberes elementares da educação. Essa concepção de indivíduo e sociedade em suas formas de interdependência, como é abordada por Elias (1994), parece ter norteado as práticas edu-

cativas católicas na sociedade brasileira, que buscaram associar a formação do homem civilizado à constituição de uma sociedade moderna, consoante com a ciência e o progresso, sem deixar de lado os valores e a tradição católica.

Os manuais de catecismo foram utilizados nas práticas educativas católicas no Brasil desde a colônia. No entanto, este trabalho pretende despertar a atenção para as formas e sentidos que esses impressos adotaram a partir da reforma desencadeada em meados do século XIX.

No esforço de renovação do clero e na esteira do incentivo do Estado, foi publicada uma variedade de textos de catecismo, inspirados no *Catecismo Romano*, que se constituíram importantes meios para reformar os princípios da fé cristã e acabaram, dessa forma, substituindo o *Catecismo Histórico* e o *Catecismo de Montpellier*. Além disso, como afirma Lustosa (1992, p. 76), foram publicadas também cartilhas mais simples, sobretudo para servirem de auxiliares de ensino aos catequistas, muitas vezes com pouca habilitação. Estas cartilhas eram dosadas em nível de conteúdo e de acordo com as idades.

Nesse projeto empreendido, de reforma concomitante com a Lei Imperial de 1827, segundo Azzi (1977), o catecismo de Dom Romualdo foi o primeiro texto a surgir, em 1831, e teve um papel importante como pioneiro nesse espírito da reforma pelo esforço que apresentou contra as ideias jansenistas¹¹ no *Catecismo de Montpellier*. Depois seguiu, segundo Passos (1998), o *Catecismo de Mariana*, também conhecido como *Catecismo de D. Viçoso*, traduzido de um catecismo popular francês; nessa mesma linha seguiu a *Cartilha Católica dos principais pontos da Doutrina Cristã*, publicada pelo Bispo do Rio de Janeiro em 1874, discípulo de Dom Viçoso; houve também os catecismos de Dom Antônio Joaquim de Melo (1859) e Dom Joaquim Manuel da Silveira (1866), Bispo do Maranhão; em São Paulo, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho fez a reimpressão do manual redigido por Dom Antônio Joaquim de Melo e Dom Macedo redigiu o *Catecismo da Igreja Católica para uso do povo* e o *Catecismo do Pará*, em substituição ao catecismo de D. Romualdo. Este último de grande repercussão, contando, em 1875, com a sua sexta edição.¹²

Mas não somente os bispos publicaram catecismos. Leigos e leigas também se dedicaram a essa tarefa:

O Visconde de Cairu escreveu uma *Cartilha da escola brasileira para a instrução na religião do Brasil*, uma filha de Maria traduz do francês para a nossa língua um *Manual da primeira comunhão e da confirmação*, outro leigo, Joaquim Maria de Lacerda, publica a *Pequena enciclopédia religio-*

sa, contendo catecismo da doutrina cristã, resumo das provas da religião, história sagrada para uso das escolas brasileiras, e enfim, pode-se também anexar a esses esforços o do próprio Antônio Conselheiro, cujo livro de prédicas mostra como a fé se transmitia nos meios populares, sem esquecer o empenho de tantos “santos” e “beatos” desconhecidos que por vezes foram – e continuam sendo – os únicos a levar a muitos lugares dos sertões o eco (catequese) da mensagem evangélica. (VILELA, 1998, p. 304-305).

Apesar dos esforços envidados, no Brasil, a separação entre Estado e Igreja que se instaurou com a República, e a conseqüente retirada, de forma oficial, do ensino religioso nas escolas, serviu como explicação para o estado de ignorância religiosa que, de acordo com D. Leme na sua carta pastoral de 1916, era a causa de todos os males da sociedade.

Nessa luta contra a ignorância religiosa que se instaurou na sociedade brasileira, apontada principalmente por causa do laicismo, a catequese passou a ter função primordial na doutrinação dos indivíduos, no que se refere à educação das consciências, por meio das aulas de catecismo que passaram a ter um significado indispensável e básico. Um bom ensino de catecismo deveria assegurar a educação moral da consciência dos indivíduos (ORLANDO, 2008).

Nessa perspectiva, era preciso nutrir o povo de instrução religiosa. Do conjunto de estratégias para reconstruir a cristandade brasileira e promover a civilização cristã, os dois eixos norteadores das práticas empreendidas estavam atrelados a duas frentes de ação: a escola e a imprensa. Uma rede de colégios confessionais católicos, como já foi dito, alastrou-se visando à formação de uma elite dirigente, consoante a tradição e a cultura católicas. O saber letrado foi a arma escolhida pela Igreja para “[...] redefinir seu papel na sociedade republicana, recuperando e ampliando o poder que detinha desde os tempos coloniais.” (GEBARA, 2006, p. 90).

A imprensa católica se desenvolveu como arma eleita para o combate às doutrinas anticatólicas e instrumento de destinação pedagógica. Os vários usos atribuídos à imprensa ocorreram, sobretudo, pelo fato de os espaços escolares serem voltados a uma elite mais restrita. As bibliotecas pedagógicas católicas, objeto de estudo de Sgarbi (2001), corroboram esse princípio. Elas encerravam as produções do Centro D. Vital e da Confederação Católica Brasileira de Educação nos periódicos *A Ordem* e *Revista Brasileira de Pedagogia*, que tinham por objetivo a conformação do campo pedagógico como ferramenta utilizada para forjar uma cultura cristã. Essa estratégia partia do entendimento católico que percebia o

campo pedagógico para muito além dos muros escolares. Segundo Sgarbi (2001, p. 9), os católicos “[...] acreditavam que, por meio do livro e de seus similares, difundido, sobretudo, entre os intelectuais, os formadores de opinião, poderia se iniciar a recristianização do Brasil.”

No intuito de ordenar a avalanche em prol da catequese, as Conferências Episcopais elaboraram a Pastoral de 1915, a qual, entre outras coisas, regulamentava o ensino do catecismo e estabelecia um catecismo padrão que sintetizava, em seus temas, as preocupações da Igreja à época. Este catecismo foi dividido em três volumes e serviu, por algumas dezenas de anos, para a instrução religiosa primária. De acordo com Passos (1999), os três manuais foram organizados da seguinte maneira: o *Catecismo resumido da doutrina cristã*, o *Primeiro*, o *Segundo catecismo* e o *Terceiro catecismo*, e foram publicados pela Editora Vozes. Posteriormente, o catecismo resumido foi incorporado ao segundo catecismo, correspondendo a três níveis diferentes que, posteriormente, foram reagrupados em *Catecismos Menores* (referentes aos dois primeiros catecismos) e *Catecismo Maior* (referente ao último). No entanto, segundo Lustosa (1977, p. 52),

[...] o primarismo dos métodos empregados, a tendência de uma catequese que se esgotava e fechava com a primeira comunhão, a generalização da ideia de um catecismo desligado da vida não apresentariam os remédios necessários à correção dos males profundos da ignorância religiosa. Além do mais, era uma catequese feita predominantemente com um espírito preventivo contra o espiritismo e o protestantismo.

A dureza dos textos e o desinteresse que eles causavam nos alunos levaram muitos padres e leigos a repensarem os materiais utilizados no ensino de catecismo. A essa época, o Brasil dialogava mais fortemente com as correntes belgas e francesas. Todavia, o movimento catequético de Munique aparece inspirando os debates acerca da renovação de catecismo, e no Brasil encontra na figura do Padre Álvaro Negromonte um dos seus principais divulgadores. Mais uma vez, a interlocução com os intelectuais alemães e suas práticas educacionais aparece nos rastros da história, sinalizando para outras interfaces pedagógicas estabelecidas pela Igreja no seu projeto de renovação educacional.

As contribuições das correntes internacionais para a reformulação do ensino religioso foram levadas à discussão no Primeiro Congresso de Catequese, realizado em Belo Horizonte, em 1928. Esse evento é apontado pelos historiadores da Igreja como um divisor de águas, pois representou para a Igreja o que Passos (1998) chamou

de “pausa dinâmica”. A partir disso, desencadeou-se uma série de discussões que permitem pensar em uma renovação da pedagogia catequética e foi se desenhando um novo panorama para o movimento catequético do Brasil,¹³ com abertura para novos temas, novas abordagens, propondo direções sobre as questões de ordem metodológica e didática, avaliando os manuais utilizados nas aulas de catecismo e a formação das catequistas. Somente neste evento são mencionados os Congressos Catequéticos Europeus. Passos (1998) aponta esse acontecimento como um ensaio de mudanças, tendo suas conclusões sentidas nas décadas seguintes com o impulso particular do Padre Negromonte, que se esforçou para sistematizar e ampliar o significado da catequese.

Em meados dos anos 1930, inserido no bojo desse movimento internacional, com o qual já mostrava um diálogo desde finais dos anos 1920, Negromonte passou a adotar as estratégias empreendidas por seus colegas em diferentes países, como a organização de congressos para debater as questões da catequese, organização de semanas catequéticas, publicação de revistas e livros pedagógicos, visando atingir um público maior e propiciar uma formação católica mais sólida. Passo a passo, ele foi ocupando o cenário educacional por diferentes caminhos, entre eles, o da escolarização da catequese.

Sob esse influxo, publicou uma coleção de manuais de catecismos didáticos, composta por 14 livros, destinada da 1ª série ao curso normal. Inicialmente, foram escritos como livros individuais de doutrina e moral, destinados aos alunos do secundário ou de cursos de religião. Posteriormente, o projeto foi ampliado, constituindo-se uma coleção destinada a todas as séries escolares, sem descartar os possíveis usos nas aulas de catecismos paroquiais. A ampliação do alcance da catequese de forma mais atrativa, em consonância com os novos discursos produzidos pelas ciências da educação, refletia-se em seus livros, os quais mostravam uma preocupação maior com o seu destinatário, desde o formato que variava nas cores e nas ilustrações, mas sempre em brochura para facilitar o manuseio, ao conteúdo adaptado às diferentes idades.

A principal estratégia de ação de Negromonte foi propor uma reformulação nos textos de catecismo em um duplo aspecto: material e textual. O novo significado da catequese compreendia uma formação voltada para a vida religiosa na prática. Deveria se ensinar a doutrina sem perder de vista o aspecto formativo da educação religiosa, mas de forma atraente, interessante para os alunos e, consequentemente, eficaz para o objetivo ao qual se propunha. Os antigos manuais não atendiam a essas expectativas. Faziam-se necessários novos textos.

Os novos textos, se quiserem realmente servir à finalidade do catecismo, que é formar o cristão prático, devem ter uma feição inteiramente diversa da atual. Sei que diante de um catecismo novo, todos sentiremos uma impressão estranha. Temos na mente aquelas perguntas, aquelas expressões que decoramos em criança e ensinamos mil vezes aos pequenos; acostumamo-nos aquela ordem de matéria; afizemo-nos até o tipo de livro dos nossos catecismos [...] Mude-se aquilo e nós estranharemos [...] Mas é preciso mudar! (NEGROMONTE, 1942, p. 75).

As mudanças às quais Negromonte se referia diziam respeito à linguagem do texto, ao conteúdo sob medida, à didática, à aproximação com a realidade, ao caráter prático das lições e, por fim, embora ele diga ser este último de menos importância, à necessária mudança no aspecto tipográfico, reiterando a teoria de Bourdieu (2005) sobre o aparente desinteresse que promove a empresa religiosa.

Quem conhece psicologia infantil sabe o desprestígio de um livro pequenino, tipo miúdo, sem ilustrações, em face dos livros grandes, texto claro e variado correndo entre as figuras que falam muito mais do que as letras. E quem sabe o encanto de um novo livro vê logo que entre os manuais que variam a cada ano despertando o interesse e o entusiasmo dos pequenos, o mesmo catecismo passando, velho e conhecido, de ano para ano fará bem triste figura [...] (NEGROMONTE, 1942, p. 78).

Logo depois da publicação desse artigo na Revista Eclesiástica Brasileira, Negromonte lançou a série *Meu Catecismo*, voltada para o curso primário, ainda nesse mesmo ano. Além disso, ao falar da necessidade de renovação nos textos, Negromonte aponta algumas iniciativas nessa intenção que, segundo ele, não foram bem-sucedidas, mas não anuncia o seu projeto de forma específica, deixando apenas a necessidade e a justificativa à publicação da série primária. Ao propor um novo texto de catecismo, Negromonte (1942) não se refere a uma mudança textual, de conteúdo somente. Ele vai além. Preocupado em tornar o livro um recurso eficaz para as aulas, sua atenção se volta para os aspectos teórico, metodológico e técnico do objeto em questão e afirma: “[...] sei que dar um texto novo de catecismo (e não um novo texto) de catecismo é tarefa difícil. Mas é tão necessária que merece nossos melhores esforços.” (NEGROMONTE, 1942, p. 82).

A preocupação do Padre com a forma dos textos de catecismos reflete a aproximação deste com as ideias que estavam circulando em torno da renovação do campo pedagógico e da produção do livro como objeto da cultura material escolar. Na elaboração do programa de Literatura Infantil para a Escola de Pro-

fessores do Instituto de Educação do Distrito Federal, nota-se uma preocupação com um conjunto de critérios referentes a uma boa publicação, compartilhados por outros profissionais da educação. Entre estes critérios, praticamente normativos, figuravam a preocupação com o conteúdo do texto, a organização, atentando para a unidade da obra, a atualidade e a exatidão das noções postas e a adaptação aos interesses básicos das crianças; as qualidades artísticas; a linguagem apropriada, correta, clara e simples e os cuidados com a feição material, como o formato, a impressão, o papel e as gravuras utilizadas. Todos esses aspectos buscavam tornar mais aprazíveis o manual escolar e o ato de ler (VIDAL, 2001, p. 94). Na escola moderna, a forma de tratamento do aluno com o livro não estimulava a reverência. Ao contrário, a intimidade entre sujeito e objeto da cultura tinha em vista estreitar essa relação. Nessa concepção, “[...] o livro deveria ser amado, conquistado pelo leitor ou leitora, transformado em objeto de trabalho. Alunos e alunas acostumavam-se ao livro.” (VIDAL, 2001, p. 106).

Pode-se dizer que a reformulação do ensino religioso por meio de manuais de catecismo mais interessantes auxiliou no projeto de recristianização da sociedade brasileira quanto à disputa externa que se travou pelo campo religioso; mas, do ponto de vista interno, a qualidade dos novos cristãos era fruto de um projeto de cristianização mais eficiente e duradouro. A publicação de novos livros de catecismos, em um novo suporte material e textual, tinha um significado mais amplo para a Igreja, que ia além da esfera pedagógica e recaía no âmbito político. Publicar é tornar algo público. É fazer, conforme assinala Bourdieu (2001, p. 244), “[...] passar do oficioso ao oficial. A publicação é a ruptura de uma censura.” Publicar novos textos de catecismo era uma demonstração pública do diálogo católico com os novos tempos que vinha tentando ser silenciado pelo grupo de liberais republicanos, ao fazerem frente ao catolicismo. Significava romper com a censura republicana e imprimir as marcas da Igreja na História.

4 CONCLUSÃO

A profusão de catecismos na modernidade, os variados formatos e usos que estes catecismos receberam, a presença, mas sobretudo, a circulação intensa desses textos nos espaços e nas políticas públicas de educação revelam o diálogo entre Igreja e modernidade e a apropriação das propostas modernas materializadas no catecismo, um impresso pedagógico fruto de um projeto católico eficiente pela atenção que dispõe às novas técnicas de produção e aos estilos de discurso

desenvolvidos nos tempos modernos para os textos educativos. Constitui ainda uma resposta à divisão política e religiosa e à pobreza cultural e pastoral em que se encontrava a Igreja Católica no contexto da modernidade.

O investimento da Igreja em um impresso de destinação pedagógica como o catecismo atingiu com êxito pontos nevrálgicos da Instituição: contribuiu diretamente para a propagação da fé católica e para a superação do estágio de ignorância religiosa em que se encontrava o povo cristão, constituindo-se como instrumento eficaz para o empreendimento de um novo projeto de cristianização.

A produção de um conjunto de livros pela Igreja teria o intuito de atingir não apenas o intelecto humano, mas também mover “[...] os sentidos e o coração para o bem, de modo que a inteligência ficasse voltada para Deus.” (ASSIS, 2004, p. 93). Portadores da autoridade da Igreja e da tradição, os livros de religião de uma maneira geral e especificamente os livros de catecismo exercem o que Assis (2004, p. 93) diagnosticou como “[...] uma dupla influência no homem: a de se deixar ensinar pela autoridade da Igreja e a de manter seu pensamento e sentimento voltados para o infinito.” Assim, tais livros fariam parte da composição conceitual de educação na perspectiva da pedagogia católica, a qual não compreende educação que não seja integral, voltada para a formação da mente e da alma, que não pode passar ao largo da historiografia da educação por se constituir objeto específico do conjunto de interesses do campo.

Os estudos sobre a temática no campo da História da Educação ainda são raros, assim como o uso desses impressos como fontes de pesquisa. Nesse caso, é preciso lembrar que a História da Educação atenta para o livro (e o catecismo é um livro!) como objeto cultural, produto humano, social, que ao mesmo tempo que recebe as marcas da sociedade que o legitima, também incide sobre ela, instruindo, formando, educando, agindo diretamente nas mentalidades daqueles que interagem com ele.

A análise deste produto está inserida e, portanto, contribui, não somente com o campo da História da Educação mas também com a História do Livro. Em uma via de mão dupla, o livro ora adota o papel de sujeito, ora de objeto, mas a junção desses dois olhares que, por vezes, alternam-se, por outras, embaralham-se, torna sua história mais atraente pela sua complexidade e pela possibilidade de compreensão das várias vozes que emanam das suas formas e conteúdo. Ao historiador da educação ainda fica muito a investigar sobre a produção, circulação e apropriação desse tipo de impresso que tanto variou ao longo da história pelos diferentes grupos que o assumiram como manual de educação religiosa.

Notas explicativas:

¹ O diálogo com os trabalhos de autores como Roger Chartier, Jean Hébrard, Robert Darnton, Alberto Manguel, Smith Junior, Wilson Martins, Emanuel Araújo, vem oferecendo valiosas contribuições, tanto do ponto de vista da investigação cultural quanto da materialidade do objeto em questão, permitindo apreender em diferentes perspectivas as representações e os usos que o livro adquiriu com a sociedade brasileira.

² Intelectual e pedagogo católico que renovou o ensino de catecismo no Brasil entre as décadas 1930 e 1960 do século XX. Sobre seu trabalho e sua coleção de catecismos, ver Orlando (2008).

³ Tomo de empréstimo o título da obra e a ideia de Ginzburg (2007), ao despertar a atenção para a forma como as ideias são construídas, adaptadas, sujeitas a inúmeras transformações, até serem passadas de narrativa a narrativa, configurando algo que pode ser compreendido como verdade, mentira, uma simples ficção ou um produto resultante do imbricamento de todas essas nuances.

⁴ Por cristão, leia-se católico.

⁵ As práticas de leitura têm se constituído objeto de investigação de alguns historiadores que têm se voltado para a História do Livro e da Leitura como Roger Chartier, Jean Hébrard, Alberto Manguel, Robert Darnton, entre outros. Chartier (1996), ao tratar de uma prática de leitura intensiva e extensiva, revela-nos comunidades de leitores diferenciadas não somente quanto aos usos que fazem do impresso, mas da sua intencionalidade, dos seus objetivos. As práticas de leitura intensiva indicam ainda os modos pelos quais os saberes circularam na sociedade ocidental, sobretudo entre os séculos XVI e XVIII. Os livros eram caros e de difícil acesso, o que fazia com que as pessoas os lessem intensivamente, ou seja, reiteradas vezes, de forma concentrada e restrita, já que poucos sabiam ler. A leitura intensiva, muitas vezes, esteve acompanhada da leitura em voz alta feita, constituindo-se, portanto, uma prática social. A leitura extensiva, por sua vez, faz uso de vários textos e transita entre textos religiosos e outros considerados “profanos”, sem a preocupação de memorizar ou conhecer a fundo cada um deles, prática própria dos avanços no campo da leitura e da produção e proliferação de impressos. Se, por um lado, no século XVI os livros religiosos como a Bíblia e mesmo o livros de Horas eram objetos caros, os catecismos fazem parte de uma literatura religiosa popular, o que remete a pensar nos “leitores” do século XVI. Diante da existência de uma prática de leitura recorrente da circulação desse tipo de impresso, faz-se necessário atentar e buscar compreender os *habitus* característicos da apropriação desta leitura.

⁶ É comum adotar o entendimento do catecismo associado ao método empregado. Todavia, este artigo atenta para o impresso, publicado em diferentes formatos e propondo metodologias de ensino que variaram ao longo do tempo e do local onde era utilizado, caracterizando a multiplicidade desse objeto. Entre as propostas metodológicas adotadas, pode-se destacar a narrativa histórico-bíblica, que surgiu no século XVII. Há, ainda, a proposta de substituir a técnica da memorização pelo método socrático, baseado no diálogo, fruto do iluminismo católico. No século XX, verifica-se a existência de uma coleção de catecismos que propõe um método integral, preferindo a explanação e a verificação dos temas tratados por meio da associação com a vida, sempre que possível (ORLANDO, 2008). Seja qual for o método, em diferentes momentos da história, os catecismos foram os principais instrumentos característicos da catequese moderna e da formação do homem civilizado.

⁷ Os escritos catequéticos de Bellarmino se resumem em dois: a *Dottrina cristiana breve perché si possa imparare a mente* (1597); escrita para as crianças, em forma de diálogo, em que o mestre pergunta e o discípulo responde, com 96 perguntas e respostas e a *Dichiarazione piu copiosa della Dottrina Cristiana per uso di quelli Che l'insegnano ai fanciulli e altre persone semplici, composta in forma de dialogo* (1598), uma espécie de guia de orientação para sacerdotes, catequistas e professores, em que o diálogo é invertido e o discípulo é quem pergunta e o mestre responde, com 273 perguntas-respostas (BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 115).

⁸ O iluminismo católico “[...] não aceita as instâncias laicistas do iluminismo e quer ser um movimento de regeneração religiosa, pastoral, social, teológica, que procura o que há na fé de substancial, razoável, justo e útil. Caracteriza-se pela luta contra o fixismo doutrinário e a escolástica; pelo amplo espaço concedido à razão relativamente à fé e à autoridade; pela menor atenção prestada aos mistérios e aos novíssimos; pela preferência dada à vida moral, relativamente ao culto; pela sobriedade da oração e

do culto; pela visão histórica da fé e do dogma extraídos da Bíblia. Vê no eclesiástico sobretudo um educador do povo de Deus, um mestre de moral.” (BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 153).

⁹O conceito de configuração ou figuração é entendido neste trabalho como propõe Elias (2001, p. 13) “[...] uma formação social, cujas dimensões podem ser muito variáveis (os jogadores de um carteadado, a sociedade de um café, uma classe escolar, uma aldeia, uma cidade, uma nação), em que os indivíduos estão ligados uns aos outros por um modo específico de dependências recíprocas e cuja reprodução supõe um equilíbrio móvel das tensões.”

¹⁰Essa articulação traz ainda à tona vestígios de uma circularidade cultural entre Brasil e Alemanha que se revelam na configuração de um conjunto de práticas educativas, nesse caso, especificamente, católicas. Sobre essa relação Brasil-Alemanha, é interessante consultar os trabalhos de Kreutz (1991) e Nascimento (1999) como importantes referências para o aprofundamento da temática.

¹¹O jansenismo retomou um antigo debate teológico da Antiguidade entre Agostinho e Pelágio sobre pontos vitais ao catolicismo como a graça, o livre-arbítrio e o pecado original. Com o objetivo de reformular a vida cristã, os jansenistas buscavam nas obras de Santo Agostinho pontos de conciliação entre a teses reformistas e a doutrina católica e afirmavam a predestinação no lugar da graça, contrapondo-se ao ensino jesuíta, predominante na educação católica moderna até o século XVIII.

¹²Não foi possível localizar, com precisão, as datas de publicação da primeira edição dos catecismos publicados por D. Macedo Costa. Todavia, pela sua expressividade, é importante considerá-los como parte do projeto de reforma da Igreja, marcado por uma proliferação de textos de catecismo que, em essência, foram publicados com o objetivo de substituir o Catecismo de Montpellier e suas ideias jansenistas, reforçando a doutrina católica romana. A Reforma Católica ocorreu entre 1840 e 1920 e teve como objetivo implantar no Brasil o espírito e as conclusões do Concílio de Trento (1545-1563), substituindo o tradicional catolicismo lusitano, de origem medieval, por um catolicismo de caráter mais romano, reformado ou tridentino. A reforma objetivava, em primeiro lugar, reformar a vida do clero e do povo católico; em segundo lugar, servir como instrumento necessário para a autonomia do trabalho episcopal, desvinculando-se da influência regalista do Governo civil. Foi, portanto, no bojo desse movimento que foram elaborados os catecismos episcopais, conforme o espírito tridentino para reavivar a fé cristã entre o povo. Nos limites deste trabalho, não foi possível apreender o projeto pedagógico que fundamentou a produção destes catecismos, sendo necessário, portanto, um estudo mais aprofundado nessa direção.

¹³Uma história mais aprofundada da trajetória do movimento catequético se encontra na tese de doutorado de Passos (1998).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A B de. **A Reforma Pombalina dos estudos secundários**. São Paulo: Saraiva; Edusp, 1978.

ASSIS, R. M. de. **Psicologia, Educação e Reforma dos costumes**: lições da Selecta Catholica (1846 – 1847). 2004. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2004.

AZZI, R. A catequese no Brasil: considerações históricas. **Convergência**, n. 10, p. 491-513, 1977.

BOLLIN, A.; GASPARINI, F. **A catequese na vida da Igreja**: notas de história. São Paulo: Paulinas, 1998.

BOURDIEU, P. Gênese e estrutura do campo religioso. In: _____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília, DF: Ed. UNB, 1994.

_____. **Formas e Sentidos. Cultura escrita**: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil, 2003.

_____. **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

ENCÍCLICA Acerbo Nimis. **Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa Pio X sobre o Ensino de Catecismo em 15 de abril de 1905**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1946.

FRIEIRO, E. **O diabo na livreria do cônego. Como era Gonzaga? E outros temas mineiros**. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Itatiaia; Edusp, 1981.

GEBARA, A. Educação e civilização na província de São Paulo. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso; MACHADO, C. J. dos S. **Pesquisa e Historiografia da Educação Brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2006. (Coleção Memória da Educação).

GINZBURG, C. **O fio e os rastros**: Verdadeiro, falso, fictício. Tradução Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HÉBRARD, J. **Três figuras de jovens leitores**: alfabetização e escolarização do ponto de vista da história cultural. Tradução Christian Pierre Kasper. Campinas: Mercado de Letras, Associação de leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2000.

HILSDORF, M. L. S. **O Aparecimento da Escola Moderna**: uma história ilustrada. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

KREUTZ, L. **O professor paroquial, Magistério e imigração alemã**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1991.

LUSTOSA, F. O. **A Presença da Igreja no Brasil**: História e problemas (1500-1968). São Paulo: Giro, 1977.

_____. **Catequese Católica no Brasil**: para uma história da evangelização. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992. (Coleção Estudos e Debates Latino-Americanos).

NASCIMENTO, E. F. C. do. Os catecismos protestantes no Brasil (1864 – 1916). **Revista do Mestrado em Educação**, São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, v. 11, p. 7-22, jul./dez. 2007.

NASCIMENTO, J. C. do. **A cultura ocultada ou a influência alemã na cultura brasileira durante a segunda metade do século XIX**. Londrina: Ed. UEL, 1999.

_____. Nota Prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX: a biblioteca do povo e das escolas. **Revista Horizontes**. Dossiê: temas da história cultural. Bragança Paulista: CDAPH. v. 19, p. 11-28, jan./dez. 2001.

NEGROMONTE, A. **História da Igreja**: para o curso colegial. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

_____. Um texto novo de catecismo. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 2, jasc. 1, p. 72-82, mar. 1942.

OLIVEIRA, L. E. M.; CORRÊA, L. P. O catecismo como método de ensino de línguas. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL NORTE E NORDESTE, 18., 2007, Alagoas. **Anais...** Alagoas, 2007.

ORLANDO, E. de A. **Por uma civilização cristã**: a coleção Álvaro Negromonte a pedagogia do catecismo (1935-1964).2008. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.

PASSOS, M. **A Pedagogia catequética e a educação na primeira República (1889-1930)**. Tese (Doutorado em Educação)–Universitá Pontificia Salesiana, Roma, 1998.

SGARBI, A. D. **Bibliotecas Pedagógicas Católicas**: estratégias para construir uma civilização cristã e conformar o campo pedagógico através do impresso (1929-1938). Tese (Doutorado em Educação)–Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

TAMBARA, E. A. C. **Bosquejo de um ostensor do Repertório de Textos Escolares utilizados no ensino primário e secundário no século XIX no Brasil**. Pelotas: Seiva Publicações, 2003.

_____. Da Leitura do Catecismo à Catequização da leitura – O catecismo como texto de leitura na escola primária no Brasil do século XIX. In: SIMPÓSIO NACIONAL, 19., 2005. Londrina. **Anais...** Londrina, 2005.

TOLEDO, M. R. de A. **Coleção Atualidades Pedagógicas**: do projeto político ao editorial (1931-1981). 2001. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

VIDAL, D. G. Práticas de leitura na escola brasileira dos anos 1920 e 1930. In: FARIA FILHO, L. M. **Modos de ler, formas de escrever**: estudos de História da Leitura e da Escrita no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VILELA, M. A tradição da catequese no Brasil. In: BOLLIN, A.; GASPARINI, F. **A catequese na vida da Igreja**: notas de história. São Paulo: Paulinas, 1998.

Recebido em 23 de janeiro de 2013

Aceito em 20 de maio de 2013

